

Idosos asilados: um percurso em arteterapia

Léa Mara Rigo*

Resumo

O objetivo deste artigo é mostrar a eficácia da arteterapia aplicada ao trabalho com idosos asilados. Busca-se desenvolver um processo de reconstrução emocional de suas vidas, estímulos de novas perspectivas, bem como de valorização da auto-estima, levando à criação de uma nova imagem de si mesmos. Neste estudo, desenvolvido com mulheres até oitenta anos, escolheu-se apenas uma para o detalhamento do caso. Utilizou-se o método de pesquisa qualitativo descritivo, enfocando entrevistas e história de vida, visando valorizar suas experiências e ampliar o espaço aberto para debater e repartir vivências. O referencial teórico utilizado neste trabalho em arteterapia foi o da psicologia analítica, que oportunizou a senhoras asiladas na Spaan de Porto Alegre investigarem seu mundo interno, fazendo emergir do seu inconsciente conteúdos emocionais que puderam ser elaborados e ressignificados.

Palavras-chave: Arteterapia. Conteúdos emocionais. Envelhecimento humano.

Introdução

O idoso, ao ser institucionalizado, muitas vezes perde a identidade e o contato com a realidade, tendo de se adaptar a outro contexto, além de modificar as suas relações interpessoais. Também podemos perceber o abandono a que são sujeitos ao ingressar na instituição, causando, na maioria dos casos, depressão e problemas de saúde em geral. Outra observação é de que raramente encontramos pessoas que possuem intacta a memória e a imaginação. Dessa convivência dentro da instituição surgiram muitos questionamentos, reflexões, envolvimento junto com os depoimentos, que foram muito importantes para o desenvolvimento do estudo. Sendo artista plástica, observo que arte é um meio de expressão e comunicação, bem como pode ser uma atividade lúdica, que

* Bacharel em Estudos Sociais e História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; especialista em Arteterapia pelo Centro Universitário Feevale.

Recebido em jun. 2007 e avaliado em ago. 2007

proporciona descobertas e aprendizagens. É nesse processo que o homem revela seus sentimentos e emoções, assim como acontece na arteterapia.

A arteterapia através do processo criativo

O processo criativo é um dos aspectos fundamentais da arteterapia, o qual, ao ser produzido com as próprias mãos, favorece uma experimentação com efeitos terapêuticos. Nossa cliente, senhora Z, revelou, por meio de atividades não verbais, cenas de sua trajetória de vida, como se fosse uma história em quadrinhos. A cada sessão podiam-se compreender de forma mais acurada seus conflitos, interesses e emoções e aos poucos nos fez conhecer sua história de vida, contando que é viúva e tem dois filhos homens, ambos casados e que moram fora de Porto Alegre, por isso pouco os vê.

A senhora Z é expansiva, tem 73 anos e está na instituição há quatro anos. Diz gostar muito de viver lá porque foi onde descobriu como “brincar”, desenhando e pintando. Antes tinha deveres com os familiares e não podia dedicar-se a essa atividade que lhe é tão preciosa. Segundo ela. “Agora, na terceira idade tem tempo de ser criança...”. A Z é ativa e solícita para qualquer atividade, sendo reconhecida dentro da Spaan pelo seu trabalho e criatividade. Ao longo dos encontros observou-se como o relaxamento inicial (prática utilizada na arteterapia) exercia efeitos benéficos e como ela demonstrava gostar disso, pois se entregava ao fazer artístico de forma leve e descontraída.

A auto-estima de Z é boa, o que se percebeu ao relatar que se considera uma pessoa muito inteligente, fazendo coisas que as outras não fazem. Constantemente era elogiada por todas as pessoas que entravam na sala, familiarizadas com seus trabalhos, o que a deixava envaidecida. Sempre demonstrou facilidade em expressar-se, dizendo que gostam de “encher a folha toda”. A cada produção, o espaço das imagens representadas ampliava-se cobrindo toda a folha.



Durante o processo arteterapêutico, acompanhei seu desenvolvimento procurando disponibilizar-lhe materiais e técnicas novas, o que muito a estimulou. Observei também que com o lápis de cor

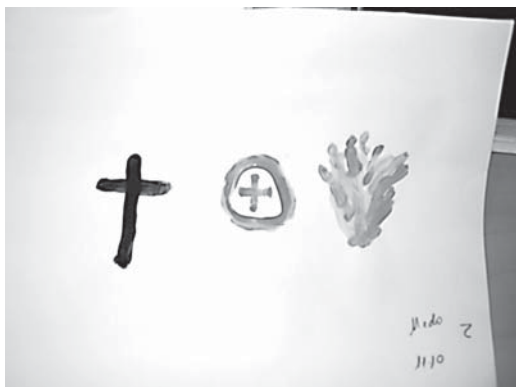
e a caneta hidrocor ela tinha fluência mental, revelando uma necessidade instintiva de se expressar. Ao experimentar tinta, que Z quase não utilizava, esta lhe permitiu uma liberdade gestual, num primeiro momento utilizando as cores primárias, mas logo se interessando por pesquisar outras tonalidades. Seus trabalhos deixam transparecer suas emoções, atribuindo-lhes seu próprio significado e oportunizando ao inconsciente emergir à consciência. Com o passar do tempo, percebi que Z já fazia arteterapia espontaneamente e que suas representações a auxiliaram quando do falecimento do marido, do afastamento dos filhos e do ingresso na instituição. Com sua história de vida, podemos constatar a eficácia da arteterapia para a integração da personalidade do ser humano, pois nesse processo a abordagem terapêutica utilizada foi a da psicologia analítica, que, segundo Santos (2006, p. 44), é compatível com as múltiplas facetas da arteterapia.

Ao concluir os trabalhos a cada encontro, como terapeuta, eu os apreciava, sempre elogiando cores, representações e criatividade. Solicitava-lhes também comentários sobre as produções, dando ênfase à escuta sobre o que ela tinha a dizer, as associações, e, após, registrava-os numa espécie de diário de campo. Para Araldi (2005), a arteterapia possibilita uma análise simbólica relacionando elementos e formas produzidos pelo cliente. O símbolo, no referencial junguiano, é o produto concreto do arquétipo e contém tudo de que o cliente necessita para se conhecer melhor e, conseqüentemente, ressignificar a sua vida.

Para facilitar a compreensão da produção plástica, dando ênfase à simbologia, condensou-se em palavras a impressão inicial dos sentimentos trabalhados, como felicidade, tristeza, raiva, sempre investigando suas reações no desenvolvimento do trabalho e também na finalização da obra. Por meio desse processo que valoriza a imagem, constataram-se suas diversas reações, o que auxiliou na maior compreensão das suas emoções. Por meio da psicologia analítica objetivamos compreender o que o inconsciente coletivo traz à tona, o quanto como totalidade de todos os arquétipos,¹ é o repositório de todas as experiências humanas e se mantém vivo de reações e aptidões. O inconsciente coletivo é também fonte dos instintos, sendo os arquétipos formas por meio das quais os instintos se expressam (JUNG, 2000).

Por sua vez, o símbolo representado pela imagem arquetípica e surgido na consciência individual nos trabalhos plásticos, por exemplo, é sempre aquilo que apresenta, não havendo necessidade de procurar significados ocultos e distorcidos. Para Santos (2006), seguindo a concepção junguiana de símbolo, nem imagem nem inconsciente são patológicos, tendo a imagem (Imago) a finalidade de restabelecer o equilíbrio psicológico alterado.





Representação de felicidade e medo

Com a representação da árvore, símbolo da vida em evolução e, segundo Valladares (2005, p. 29) representação da expressão da integração da personalidade, foram propostas várias atividades utilizando diversos materiais. A solicitação foi que representassem uma semente e depois a árvore em que ela havia se tornado. Z. logo escolheu o lápis de cor e desenvolveu seu trabalho compondo suas árvores com troncos grossos e muitos galhos e folhas, acrescentando o sol com os raios incidindo sobre a semente, conforme a história. No desenrolar do trabalho contava muitas histórias, lembranças da sua vida antes de ingressar na instituição. Nesse dia complementou dizendo: “A gente devia nascer velho e morrer nenê... pois assim seríamos melhor tratados.” Foi pedido para ela se imaginar como a semente daquela história e descrever seus sentimentos como tal. Prontamente, se disse feliz e, ao ser questionada sobre suas impressões quanto à árvore, respondeu que se sentia protetora das outras árvores.

Assim como Jung utilizou técnicas expressivas consigo e com seus pacientes, os arteterapeutas utilizam-se desses

recursos com o fim de ajudar o cliente a se conectar com seus conteúdos internos, bem como as vivências desses símbolos enriquecem o processo da imaginação ativa e da verbalização. A criação artística, pela sua qualidade transformadora, tem um potencial terapêutico e recriador, oportunizando ao cliente uma melhor compreensão de si mesmo.



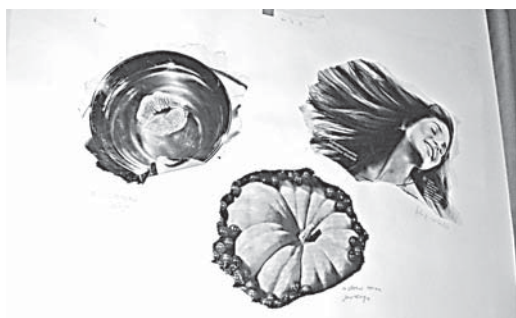
Outra atividade que demonstrou bem suas emoções foi a de retirar de revistas imagens de coisas de que gosta e de coisas das quais não gosta, objetivando conhecê-la melhor e auxiliá-la na tentativa da resolução de seus conflitos. Para ela foi muito fácil achar coisas de que gosta; já sobre as que não gosta disse ser difícil, mas então lembrou que não gosta de arma, cigarro, bebida e geladeira. Quanto ao cigarro, seu

comentário foi que não gosta do cheiro e que faz mal à saúde. Referindo-se à bebida, destacou que a família do alcoólico é que mais sofre, verbalizando muitos casos de conhecidos com esse problema. Quanto à geladeira, fez associação com ar condicionado e ventilador, dizendo que sente muito frio e que este lhe faz mal à saúde.

Das imagens que gosta, retirou a figura de uma moça com cabelos lisos e compridos, expressando o desejo de “ter cabelos assim”; recortou uma abóbora, pois gosta de prepará-la de qualquer jeito..., e batom, pois adora pintar a boca, demonstrando certa vaidade que ao primeiro olhar não se pode imaginar, visto que tem uma aparência austera, com cabelo muito curto.



Representação do que não gosta



Representação do que gosta

As imagens escolhidas, num primeiro momento, podem demonstrar confusão, mas, ao verbalizar os sentimentos despertados, proporcionam reviver certos momentos marcantes, conduzindo a uma efetiva compreensão e ao seu real significado. Observou-se, nesse sentido, como a arteterapia possibilita a expressão dos conteúdos psicológicos submersos no inconsciente. E foi ao fazer vivenciar, experimentar através da expressão artística (do fazer artístico) que conduzimos a Z a reconstruções e questionamentos da sua história de vida e seus conseqüentes reflexos.

Nessa convivência com as senhoras da Spaan pôde-se constatar que os idosos sentem satisfação ao recordarem fatos relativos à sua juventude. Essa felicidade eufórica vem acompanhada de saudade e muita emoção. A pessoa que critica o idoso por relembra o passado esquece-se de que as experiências fazem parte de um baú de felicidades que cada pessoa deve ter para poder acessar. O arteterapeuta deve valorizar a capacidade de lembrar do seu cliente, estabelecendo relação com o tempo, de forma a destacar a importância dos fatos bons e maus que contribuíram para a construção de cada um. Assim, a memória deve ser trabalhada no idoso no sentido de manter vivo o seu passado.

As grandes mudanças na vida e o seu enfrentamento, provenientes da aposentadoria, da morte de familiares e amigos, são fundamentais para o desenvolvimento da maturidade psíquica. Também o contato familiar, a autonomia e independência contribuem para a dignidade nessa etapa da vida. Na instituição o contato familiar é quase nulo e às vezes nem ocorre mais; os idosos necessitam de pessoas para ajudá-los

em sua rotina, porque independência é uma coisa que definitivamente não existe mais para eles. Refletindo sobre esses aspectos, observa-se como isso os afeta sobremaneira, muitas vezes ocasionando depressões e desesperança.

Na instituição, onde há a companhia de pessoas que vivem o mesmo momento, elas não conseguem partilhar suas experiências. Há a necessidade do contato com a nova geração para se manterem integradas à sociedade, o que faria o diferencial. O prazer de interagir com outros níveis da sociedade, de satisfazer a desejos possíveis, de compartilhar, é qualidade de vida. Assim, por meio da arteterapia, que também proporciona o desenvolvimento do processo de aprendizagem e de reflexão, pode acontecer o despertar de novas sensações e possibilidades de um futuro.

É importante que possam compreender que viver implica manter-se num processo de permanente aprendizagem e que isso lhes dá condição de pensar em futuro não como uma idéia longínqua ou de finitude, mas como uma nova esperança e despertando vontades, desejos de desenvolver novos processos e aprendizagens.

Outro aspecto que se procurou trabalhar foi o da expressão subjetiva, não a simples representação efetiva. No início dos trabalhos, ela desenhava a realidade, como céu azul, montanha marrom, jardim verde. Com o passar do tempo, oportunizaram-se, com diversidade de materiais e técnicas, a criação e expressão artística através da variação de cores e da utilização da imaginação para confeccioná-los. Z nos dá um exemplo ao representar, segundo ela, “uma árvore quadrada”, em azul e verde. Esta expressão é significativa,

pois apresenta sentimentos e significação simbólica.



Foi pedido que a Sra. Z fizesse uma representação da sua casa para observarmos a sua simbologia. Conversamos sobre a sua casa de infância, bem como sobre a dos tempos de adulta, e as recordações provocadas mostraram-nos como as lembranças estão sempre dentro de nós, mas muitas vezes profundamente submersas. Z revelou que não tinha conseguido realizar este seu “sonho de consumo”: “Havia morado em uma pequena casa, quase uma maloqueira”. Então, com a disposição que lhe é peculiar, resolveu desenhar sua casa dos sonhos. Sabemos que o imaginário feminino está tomado de imagens da casa de cada uma, pois é a mulher a que mais se empenha em obter este bem, assim como na manutenção dele, além de representar

o desenvolvimento de cada ser, da família e do espaço de proteção e abrigo. Segundo Bachelard (apud ARALDI, 2005), a casa é uma metáfora da alma feminina, comparando casa, corpo e alma humana.

A casa dos sonhos, segundo Z, não precisaria ser grande, acrescentando que teria uma porta bem grande e alicerces, para a casa não ficar no ar. Haveria também chaminé com fumaça saindo, porque estaria fazendo um café para pessoas que iriam visitá-la. Visando ajudá-la a superar suas perdas, utilizamos a arteterapia também no sentido de proporcionar-lhe um resgate da auto-estima, devolvendo-lhe a alegria ao “fazer, criar” algo absolutamente único e personalizado, como participante de atividades terapêuticas.



O arteterapeuta deve estar atento a gestos, falas ou, mesmo, silêncios, pois são significativos. E a arte é um estímulo para que as pessoas possam dialogar, descobrindo significados que lhes pareçam particularmente significativos. Dessa forma, as imagens simbólicas, com seus significados, levam o indivíduo a buscar viver plenamente o processo de individuação.² Por meio de alguns mitos gregos ligados

a aspectos permanentes da vida, pode-se fazer uma amplificação com as produções dos idosos em trabalhos arteterapêuticos. Por exemplo, no mito das Moiras estão representadas as três fases da vida de uma mulher: a de ser jovem e virgem, esposa e fértil e de anciã e estéril.

Observou-se que é criando no desenho, na pintura, na modelagem, enfim, nas atividades terapêuticas, que as pessoas podem se reinventar. Por meio da arteterapia o cliente encontra novos significados para si ao observar sua produção plástica, revelando seus conflitos, questionando-se, investigando-se e, por fim, tentando criar soluções.

Entretanto, aquele que não se adapta às mudanças, o indivíduo não resiliente,³ procura outros meios de compensar a dor sentida; desse modo, o arteterapeuta deve respeitar o momento de cada cliente. Como o estudo envolvia mulheres da terceira idade, procuramos dar ênfase às diferenças entre a juventude e a velhice, a vida e a morte, utilizando técnicas variadas, mas sempre mostrando a importância do seu momento atual como uma fase de descobertas e novas sensações. Z teve perdas a que podemos atribuir um significado de “morte”, pois a morte não é só a perda da vida, mas, sim, a perda da possibilidade de vida. Perdas que se sucedem ao longo da nossa vida também podem ser chamadas de pequenas mortes. O ciclo da vida relaciona-se, outra vez, com as Moiras, que possuíam o poder de cortar o fio da vida e de dar a cada ser certa qualidade desse fio com texturas diferentes: para umas, texturas suaves, como a seda; para outras, fios mais grossos e ásperos, conseqüentemente difíceis de fiar. A realidade da

vida relaciona-se com esses tipos de fios, diferentes para cada um.

Também podemos relacionar com o mito de Afrodite, que fazia crescer grama e flores onde pisava. As flores remetem à feminilidade, à sensibilidade e à sexualidade. E para honrar Afrodite, as mulheres podem enfeitar-se, cuidar de flores ou, ainda, criar jardins, que dão alegria e prazer; onde existe equilíbrio entre a natureza e a arte. A proposta foi trabalharmos fazendo flores para, depois, juntar os trabalhos e formar um jardim, o que tornou Z muito feliz, pois adora flores.



Outro aspecto do mito que podemos relacionar é o da beleza, representada por Afrodite e que já não faz parte das suas vidas, como o viço da sua pele, o ânimo, o prazer, a destreza motora e o raciocínio, além da perda da fertilidade, tornando seu papel feminino, nesse aspecto, extinto. As idosas institucionalizadas não contam mais com maridos, filhos, netos para amar, ou, ainda pior, não contam com ninguém que as queiram bem ou que cuide delas. É nessa fase da vida que as senhoras se inserem e, a partir do momento em que percebem essas mudanças, cada uma reage de forma diversa, de acordo com a sua individualidade. Z demonstra não ter se refugiado no passado procurando esquecer sua dura realidade, vive transformando-se, reinventando-se através das suas produções e do que elas lhe trazem de alegria e prazer.

Por todas essas perdas verbalizadas, favorecemos contactos positivos e afáveis, com muitos abraços, incentivos e elogios, principalmente quando usavam bijuterias, batom e perfumes, enfim, elementos que pertencem ao universo feminino. Embora Z apresentasse um aspecto mais austero, não dispensava o batom e, quando escolhia figuras para os trabalhos, sempre recortava maquiagem e perfumes, comentando que gostava desses objetos. Quando a proposta foi trabalhar com modelagem, Z rapidamente contou que já havia feito vários trabalhos semelhantes. Perguntei-lhe se gostaria de trabalhar com a argila e ela confirmou. Iniciamos com a idéia de modelar um animal que a representasse, e ela escolheu o cachorro justificando que é um amigo fiel.



A modelagem é uma experiência no qual o fazer passa pelo gesto, pelo tato e pelos sentidos (JACOBY, 2006, p. 177). Foram propostos trabalhos de conscientização corporal relativos às mãos e aos pés, que tiveram boa resolução. Todavia, antes de iniciar a proposta, fizemos um trabalho de sensibilização com bolas, com o que obtivemos ótimos resultados, e Z se mostrou encantada com as sensações. Foram utilizadas bolas de borracha de vários tamanhos e superfícies. Ao rolar cada hora na sola do pé a sensação é diferente, possibilitando um reconhecimento.

Na representação plástica, Z contornou a mão e depois o pé, observando-se antes de trabalhar o interior do contorno. Refletiu sobre as mudanças ocorridas ao longo do tempo e depois as comentou. Seu comentário sobre a mão foi de que hoje ela estava diferente da época de jovem, quando era lisinha: “mas esta diferença mostra nossa vida”. Sua consciência do envelhecimento não lhe causa sofrimento, o que pode ser notado no modo como ela adornou o interior do contorno da sua mão. Iniciou pintando as unhas, depois colocando anel e desenhando muito.



Quanto ao pé, ficou um pouco resistente, pois acha seu pé feio, além da dificuldade da posição para contorná-lo. Propusemos, então, ajudá-la no contorno; então, depois de pronto ela se entusiasmou e se pôs a decorá-lo também.



Quanto ao aprendizado da técnica da monotipia, observei sua satisfação ao reproduzir seu trabalho. Como é uma pessoa curiosa a respeito de técnicas novas, tudo que lhe é ensinado tem um grande valor. O grande diferencial de Z está no seu modo de olhar a vida, seu mundo, sua realidade, mas, sobretudo no modo como se reinventa e como dá nova significação à sua vida por meio das produções plásticas. A visão muito própria de mundo remeteu-

nos à palavra em alemão, *Weltanschauung*, que é definida como “[...] uma atitude expressa em conceitos. Nossas ações não são inteiramente simples, reações isoladas, para assim dizermos, a um determinado estímulo. Pelo contrário, cada uma de nossas reações e ações se processa sob a influência de fatores psíquicos complicados” (JUNG, 2000, p. 305-306).

Considerações finais

Com o desenvolvimento deste estudo, constatamos que, para Z, envelhecer é uma arte, partindo do pressuposto de que é pela arte que ela se revitaliza e se transforma. Sua sensibilidade e sua criatividade fornecem-lhe estímulo, enquanto sua intuição a conduz por novos caminhos. Ela usa o lúdico da arte para se fazer feliz, mesmo estando num ambiente controverso; sabe, por intuição, que este é o seu caminho para viver essa fase da vida. Sua velhice é vivenciada sem grandes problemas, com serenidade e integração; tem consciência do significado da sua vida, passando por escolhas, não por determinação do destino. Nesse sentido, a arte foi-lhe de grande auxílio.

Com os procedimentos aplicados, olhamos o passado e o presente, objetivando ajudá-la a enfrentar essa fase da vida, que apresenta mudanças, tanto físicas quanto psicológicas, bem como modificações nos papéis sociais e na desesperança quanto ao futuro. Observamos como Z procura manter-se em “contato”, permitindo perceber-se, escutar-se e transformar sua ação. São essas ações que propiciam a transformação. Sua capacidade criadora está intacta e a cada trabalho surpreende com o resultado, o que lhe

provoca grande satisfação. Foi preciso escutá-la utilizando os sentidos, buscando o instante certo para intervir, usando a palavra que mais convinha para mobilizá-la. Assim, o terapeuta deve aprender a superar as suas limitações e resistências, tornando-se um ser sensível, acolhendo o outro sem barreiras e julgamentos. Esse processo se transforma numa aventura, pois cada pessoa tem sua bagagem de vida e seu potencial criador.

Na arteterapia podemos aprender trabalhando-nos internamente a cada oportunidade de nos expressarmos plasticamente, trazendo à superfície o processo subjetivo. Ao compreender todo esse processo, passamos a reconhecer a lição de vida que Z nos transmite, oportunizando uma melhor visão de futuro, do nosso futuro. E ao concluir o estudo podemos comprovar que a arteterapia estimula o instinto criativo construindo novas experiências, nas quais o facilitador é o arteterapeuta, que, utilizando recursos artísticos, conduz o idoso ao autoconhecimento, à valorização da estima, a possíveis mudanças e ao reconhecimento dessa etapa como parte de um ciclo da vida de cada um.

Por meio da arteterapia, a produção plástica facilita a abertura de canais de comunicação, de percepção e sensibilidade, proporcionando ao idoso uma melhor aceitação de si e da sua realidade. É nesse processo de comunicação que se dispensa, algumas vezes, a verbalização propriamente dita, que ativamos a memória, reunindo passado e presente, por meio das imagens produzidas, sendo este o ponto de intersecção (SANTOS, 2006) entre arte e terapia.

Elderly people living in an institution

Abstract

The purpose of this paper is to demonstrate the efficiency of Art therapy applied to work with elderly people living in an institution. We intend to develop a process of emotional reconstruction of their lives, stimulus of new perspectives as well as valorization of self esteem, leading to a creation of a new image of them. This study was developed with women of up to 80 years old; among them, one was chosen to present the case; the method of descriptive qualitative research was used because of the focus on interviews and life histories, aiming to value their experiences and extend the open space to debate and exchange life experiences. The theory referential used in this study in Art therapy was the analytical psychology, which created opportunities to the elderly women living in the SPAAN institution to investigate their internal world, making emerge from their subconscious emotional contents that were elaborated and re-expressed.

Key words: Art therapy. Human ageing. Emotional contents.

Notas

- ¹ São imagens universais que constituem, juntamente com os instintos, o inconsciente coletivo, cuja definição pressupõe uma "herança cultural" presente em cada indivíduo.
- ² Este termo significa na nomenclatura junguiana a maturação psíquica que ocorre durante a vida dos indivíduos (FRANZ, 1964).
- ³ Resiliente diz-se do indivíduo com capacidade de sobreviver a traumas, resistente perante as adversidades, com uma visão positiva para reconstruir sua vida.

Referências

- ARALDI, L. C. C. Arteterapia: encontro com os potenciais internos num grupo de mulheres. In: ORMEZZANO, G. (Org.). *Questões de arteterapia*. Passo Fundo: UPF, 2005.
- FRANZ, M. L. O processo de individuação. In: JUNG, C. G. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.
- JACOBY, L. S. C. Arteterapia: um olhar diferenciado de escuta... espaço de subjetivação. In: BLAETH, L.; WOSIACK, R. M. R. *Terapias expressivas ou arteterapia: vivências através da arte*. Novo Hamburgo: Feevale, 2006.
- JUNG, C. G. *A natureza da psique*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- SANTOS, N. M. W. Etapas psicológicas da vida humana e envelhecimento saudável, segundo a Weltanschauung da Psicologia Analítica. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, v. 3, n. 2, p. 11-21, jul./dez. 2006.
- _____. Imagem do sentido: psicologia analítica e arteterapia, uma relação fértil. In: BLAETH, L.; WOSIACK, R. M. R. *Terapias expressivas ou arteterapia: vivências através da arte*. Novo Hamburgo: Feevale, 2006.
- VALLADARES, A. C. A F. Possibilidades de avaliação em arteterapia: o que se deve olhar? In: ORMEZZANO, G. (Org.). *Questões de arteterapia*. Passo Fundo: UPF, 2005.

Endereço

Léa Mara Rigo
Av. Cel. Lucas de Oliveira, 2608/602
Porto Alegre - RS
CEP 90460-000
E-mail: atelierleamararigo@hotmail.com